

Ministério da Cultura, Governo do Estado de Mato Grosso,
Secretaria de Estado de Cultura, Bienal de São Paulo e Itaú apresentam

32^a BIENAL DE SÃO PAULO – ITINERÂNCIA

INCERTEZA VIVA

GUIA

INFORMAÇÕES

Abertura

15 de maio, às 20h
Palácio da Instrução

Visitação pública

16 de maio – 9 de julho
Terça-feira a sexta-feira: 8h às 20h
Sábado, domingo e feriados: 9h às 18h
Segunda-feira: fechado
Entrada gratuita

Educativo

Agendamento de grupos para visitas e participação na ação educativa por e-mail e telefone, mediante disponibilidade de horários.

Local

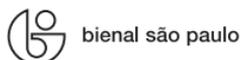
Palácio da Instrução
Rua Antônio Maria, 251 – Centro Norte, Cuiabá-MT
Contato: 65 3613 0240 · 32bienalmt@cultura.mt.gov.br

32bienal.org.br
camposonoro.32bienal.org.br
app.32bienal.org.br
facebook/bienalsaopaulo
twitter.com/bienalsaopaulo
instagram@bienalsaopaulo
youtube.com/bienalsp

Ministério da Cultura, Governo do Estado de Mato Grosso,
Secretaria de Estado de Cultura, Bienal de São Paulo e Itaú apresentam

32ª BIENAL DE SÃO PAULO – ITINERÂNCIA

16 MAI — 9 JUL 2017



É uma honra para Mato Grosso receber novamente a Bienal de São Paulo, que, em sua 32ª edição, permanece fiel ao objetivo de, por meio da Arte, instigar e provocar questionamentos, como uma experiência articuladora do pensamento.

E se a própria vida é uma incerteza, somos todos incertezas vivas, sob uma reinvenção diária. A Arte é uma facilitadora deste processo, uma vez que oferece diversas possibilidades de pensar diferente, amplia horizontes, muda conceitos, transforma.

Por isso, nossas ações no setor da Cultura, seja pela revitalização dos espaços, pelo lançamento de prêmios e editais, pela interiorização de projetos, são dedicadas a oportunizar ao maior número de pessoas o acesso às manifestações artístico-culturais.

A Bienal oferece a chance de direcionar nosso olhar para a produção artística de outras regiões e países, motivada pela era de incertezas em que vivemos, traçando paralelos entre realidades que aparentemente são diferentes e abrindo um diálogo sobre a sociedade, o papel de cada um de nós, seja no campo econômico, político, cultural, social ou ambiental, para promover transformações que acompanhem nossos tempos.

Pedro Taques

Governador do Estado de Mato Grosso

Em 2015, o Palácio da Instrução, localizado no centro histórico de Cuiabá, abriu as portas para receber a 31ª Bienal de São Paulo, uma das três principais exposições de arte contemporânea do mundo que, pela primeira vez, chegou à região Centro-Oeste. Foi uma experiência exitosa e marcante tanto para os mais de nove mil alunos da rede pública que visitaram a exposição, como para artistas, produtores e público em geral.

Agora, dois anos depois, nos preparamos para receber as obras selecionadas para a itinerância da 32ª Bienal, mais uma vez inserindo a capital de Mato Grosso no circuito de 11 cidades que receberão a mostra. Com o tema “Incerteza Viva”, esta edição da Bienal se propõe refletir sobre as atuais condições de vida em tempos de transformações contínuas e sobre as estratégias da arte contemporânea para acolher ou habitar essas incertezas. O aquecimento global, a extinção de espécies, a perda da diversidade biológica e cultural, a instabilidade econômica e política, a injustiça na distribuição de recursos naturais, as migrações globais e a disseminação da xenofobia, são questões do nosso tempo que podem e devem ser enfrentadas também por meio da arte, provocando a imaginação e nos auxiliando a vislumbrar outras narrativas tanto para o passado, como para os caminhos futuros.

A mostra reúne obras de 81 artistas e coletivos de 33 países, num amplo panorama da criação artística em diversas culturas do mundo. Em Mato Grosso, além da exposição, haverá uma extensa programação educativa, incluindo oficinas e capacitação para mediadores e educadores da rede pública e privada de ensino. O público escolar será recebido para visitas guiadas por mediadores especialmente preparados para bem atender diferentes públicos, chamando a atenção e informando sobre aspectos interessantes das obras e de seus criadores. Debates e oficinas sobre arte contemporânea também integrarão a programação, fomentando a participação de artistas e produtores culturais de diversas regiões do Estado.

Gostaria de registrar um agradecimento especial à Fundação Bienal de São Paulo e a toda sua gentil e profissional equipe de diretores, produtores, educadores e curadores. Somos gratos à Fundação por nos confiar novamente esta enorme responsabilidade, tornando possível ao povo mato-grossense o acesso à produção artística contemporânea brasileira e internacional, reafirmando as diretrizes das políticas públicas do Governo de Mato Grosso voltadas à democratização do acesso à cultura.

Leandro Carvalho

Secretário de Estado de Cultura de Mato Grosso

Desde 2011, o Programa de Itinerâncias da Bienal de São Paulo busca ampliar o impacto e a abrangência de cada edição da mostra paulistana, reforçando o papel da Fundação Bienal na pesquisa, fomento e difusão da produção contemporânea. A exposição que aqui se apresenta, realizada em colaboração com o Governo do Estado do Mato Grosso, a Secretaria de Estado de Cultura e o Palácio da Instrução, reflete a multiplicidade de formatos e linguagens da 32ª Bienal, projetando suas principais questões e debates rumo ao público de Cuiabá.

Concebida nos moldes de um jardim, INCERTEZA VIVA aposta na potência da arte para o enfrentamento de grandes questões do nosso tempo. Os mais de 900 mil visitantes que estiveram no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, entre setembro e dezembro de 2016, atestam a pertinência e o impacto de seus propósitos. Que esse novo desdobramento permita lançar sobre ela olhares e inquietações renovados.

João Carlos de Figueiredo Ferraz
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

O Itaú reconhece o papel fundamental das manifestações artísticas e culturais no processo de reflexão da sociedade contemporânea – e trabalha constantemente para incentivá-las. Assim, é com grande prazer que o grupo apoia, desde 2009, a realização da Bienal de São Paulo.

Por meio do Itaú Cultural, o grupo promove uma variedade de ações gratuitas – exposições, espetáculos, encontros, cursos, etc. –, ligadas a diferentes áreas de expressão. E, assim como a Bienal faz suas itinerâncias, o Itaú Cultural apresenta mostras – com obras pertencentes ao acervo do Itaú Unibanco, maior coleção corporativa da América Latina – em diversas regiões do Brasil.

Completando 30 anos em 2017, o Instituto ainda mapeia e estimula a produção de artistas contemporâneos por meio do programa de apoio Rumos. Além disso, disponibiliza um vasto conteúdo na internet, em itaucultural.org.br, o que inclui uma enciclopédia virtual de arte e cultura brasileiras, com mais de 5 mil verbetes e 12 mil imagens.

Itaú

Quando promovemos conexões, aproximamos elementos que estão distantes, permitindo seu contato e, muitas vezes, criando algo transformador. Realizar conexões que contribuem para o desenvolvimento do País e da sociedade é a razão de ser do trabalho da ISA CTEEP. Pela sua infraestrutura trafegam 60% da energia consumida na Região Sudeste e quase 100% no Estado de São Paulo.

E as nossas conexões vão além de interligar, por meio da energia, pontos diferentes do Brasil: queremos conectar as pessoas. Porque sabemos que somos parte de um todo e, por isso, queremos deixar um legado para a sociedade e as futuras gerações.

Essa preocupação com o desenvolvimento humano está alinhada à parceria de sucesso com a Fundação Bienal, para promover iniciativas itinerantes com o objetivo de democratizar o acesso à arte a um número cada vez maior de pessoas.

A empresa tem muito orgulho de apoiar projetos educacionais dessa relevância, que estimulam a reflexão e a evolução intelectual dos cidadãos.

ISA CTEEP

Curadores

Jochen Volz

Gabi Ngcobo

Júlia Rebouças

Lars Bang Larsen

Sofía Olascoaga

INCERTEZA VIVA

SUMÁRIO

1 4 INCERTEZA VIVA

1 8 Ana Mazzei

2 0 Bárbara Wagner

2 2 Carolina Caycedo

2 4 Charlotte Johannesson

2 6 Dalton Paula

2 8 Ebony G. Patterson

3 0 Felipe Mujica

3 2 Francis Alÿs

3 4 Gilvan Samico

3 6 Güneş Terkol

3 8 Jonathas de Andrade

4 0 Mmakgabo Helen Sebidi

4 2 Pierre Huyghe

4 4 Rachel Rose

4 6 Vídeo nas Aldeias

4 8 Wilma Martins

5 0 Wladimir Dias-Pino

5 4 CRÉDITOS

5 8 PROGRAMAÇÃO

A 32ª Bienal de São Paulo observa as noções de incerteza e as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para abarcá-la ou habitá-la. A arte reage à incapacidade dos meios existentes de descrever o sistema do qual fazemos parte e dá espaço ao erro e à dúvida, criando brechas para apreensões mais profundas. O lugar onde a arte se funda, a imaginação, é recurso fundamental para que sejamos capazes de vislumbrar outras narrativas do passado e novos caminhos para o presente. INCERTEZA VIVA considera as incertezas como um sistema de orientação gerador e se constrói sob a convicção de que, para enfrentar as grandes questões do nosso tempo, é necessário desvincular a incerteza do medo. Ao se aproximar do pensamento cosmológico, das inteligências ambiental e coletiva, e das ecologias sistêmicas e naturais, essa Bienal configura-se como um jardim, no qual temas e ideias se entrelaçam livremente em um todo integrado, como uma ecologia em si mesma. A exposição baseou-se em diálogos entre diferentes produções de artistas de diversos países. Olhou também para uma série de artistas históricos, que fornecem um conjunto de estratégias que são hoje particularmente relevantes. A maioria dos projetos artísticos, no entanto, foi especialmente comissionada para a 32ª Bienal, no intuito de expandir os princípios criativos da incerteza em diferentes direções. Algumas obras de arte abordam diretamente a natureza e os processos biológicos, botânicos ou alquímicos que podem nos ensinar sobre

a diversificação e a multiplicidade. Alguns trabalhos incorporam ou investigam narrativas e formas de conhecimento. Outros examinam criticamente estruturas políticas, econômicas e midiáticas de poder e de representação. E, ainda, há os que acionam a imaginação e experimentam caminhos alternativos para avançarmos em direção ao futuro.

INCERTEZA VIVA é um processo coletivo que começou no início de 2015 e envolveu professores, estudantes, artistas, ativistas, lideranças indígenas, educadores, cientistas e pensadores. As itinerâncias da 32ª Bienal, realizadas em cidades do interior de São Paulo, no Brasil e além dele, vêm agora dar continuidade a esse processo. Assim como a arte naturalmente une o pensar e o fazer, a reflexão e a ação, é apenas através do encontro dos visitantes com as obras, com os programas públicos e educacionais da 32ª Bienal que a verdadeira riqueza de INCERTEZA VIVA emergirá. Hoje, é papel da Bienal ser uma plataforma que promova ativamente a diversidade, a liberdade e a experimentação, ao mesmo tempo exercendo o pensamento crítico e propondo outras realidades possíveis.

Em suas obras, Ana Mazzei parte da literatura e do teatro para materializar diversas situações de observação e de encenação na forma de instalações, esculturas, desenhos, fotografias e performances. Ao utilizar o imaginário advindo de narrativas épicas ou mitológicas, suas instalações sugerem uma performance na qual não fica claro se o público observa ou se é observado. Os objetos e as esculturas de Mazzei são entendidos em relação ao corpo e questionam noções de orientação, posicionamento e organização que dirigem a maneira como nos relacionamos com o espaço. A artista evoca imagens recorrentes da história da pintura, muitas delas metáforas bíblicas, mas também simbolismos políticos e especulações científicas e filosóficas sobre o universo. Ao estudar a “posição de êxtase”, por exemplo, tão presente na história da arte ocidental, faz convergirem o gestual do sagrado e os sintomas atrelados aos primeiros estudos da psiquiatria, quando essa posição era associada a quadros de histeria. Com a obra **Espetáculo** (2016), Mazzei propõe um novo território de atuação, em que objetos são colocados em uma situação ambígua: como protagonistas de um teatro sem ação ou plateia de uma ativação que está no corpo do visitante. Suas formas remetem a objetos de estudos astrológicos, ou à aparelhagem de uma ciência diferente da que conhecemos.

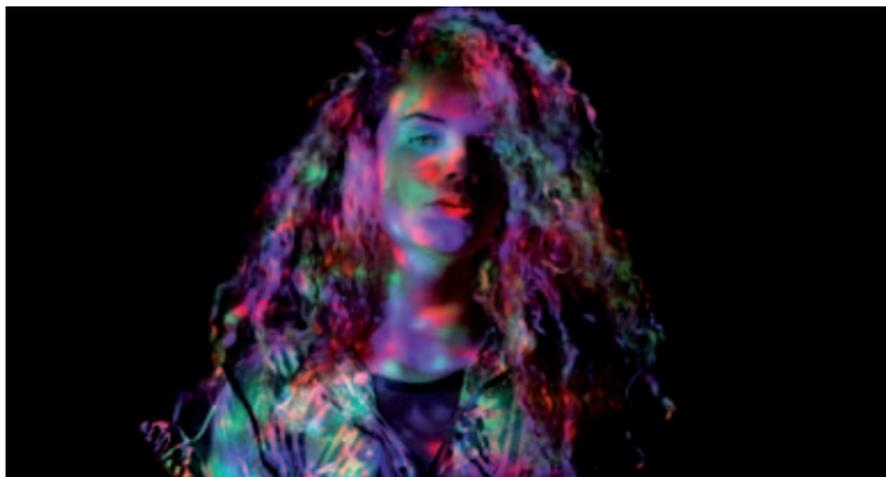


Vista da instalação Espetáculo, 2016

BÁRBARA WAGNER

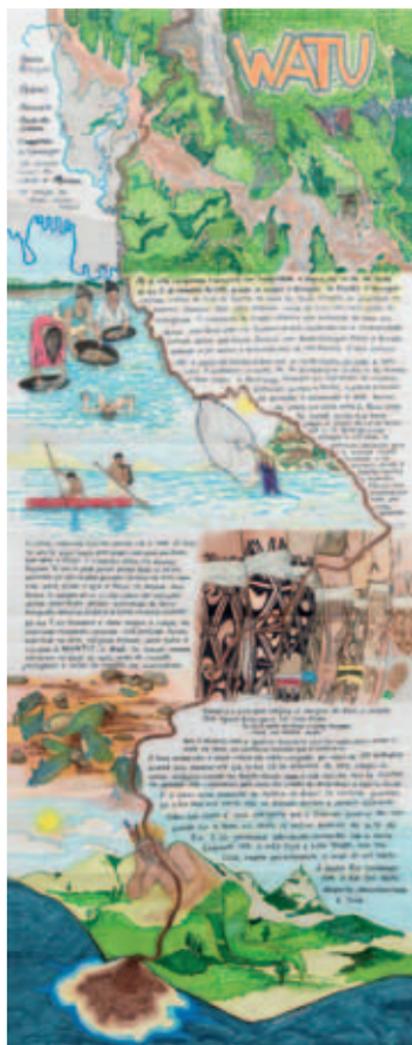
1980, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Vive em Recife, Pernambuco, Brasil

O brega é música, dança, cena cultural e economia criativa na periferia do Recife. Em duas linhagens, funk e romântico, constitui uma cadeia de MCs, DJs, bailarinos, produtores, empresários e público. Seus hits – eróticos, irônicos, lamuriosos e, em alguns casos, ainda machistas – extrapolam os limites socioeconômicos dos bairros e participam da paisagem sonora de uma cidade convulsiva em suas diferenças. A artista Bárbara Wagner, em parceria com Benjamin de Burca, desconstrói esse fenômeno no filme **Estás vendo coisas** (2016) e torna visíveis as singularidades, as errâncias e também algumas relações entre seus agentes. A boate Planeta Show abrigou o experimento de um retrato coletivo e filmado, que, nessa condição, desafia o caráter preciso da fotografia. O resultado não deixa de ser documental, mas é parcialmente ofuscado pela luz artificial de estúdio, camarim, palco e tela, com personagens que encenam a si mesmos.



Fotogramas de *Estás vendo coisas*, 2016

Carolina Caycedo volta sua prática para a discussão de contextos impactados por grandes obras infraestruturais de caráter desenvolvimentista. Em sua pesquisa recente, analisa os danos ambientais e sociais atrelados à construção de barragens e ao controle dos cursos naturais da água. Por meio do envolvimento com grupos e comunidades afetadas por essas transformações, a artista investiga ideias de fluxo, assimilação, resistência, representação, controle, natureza e cultura. **A Gente Rio – Be Dammed** [A Gente Rio – Barrado seja] (2016) é um projeto que compreende pesquisas em arquivos, estudos de campo e atividades com comunidades ribeirinhas abaladas pela privatização das águas. **A Gente Rio** (2016), pesquisa produzida para a 32ª Bienal, trata da vida implicada nesses rios e em suas margens. A obra é composta por distintos elementos: montagens de fotografias de satélite das usinas hidrelétricas de Itaipu e de Belo Monte e do antes e depois do rompimento da represa de Bento Rodrigues (Mariana, MG), tarrafas coletadas durante seus estudos de campo e desenhos que contam as narrativas dos rios Yuma (Colômbia), Yaqui (México), Elwha (EUA), Watu, conhecido como Rio Doce e Iguaçu (Brasil), como entidades vivas dotadas de histórias próprias.



Watu, Iguacu, 2016

CHARLOTTE JOHANNESSON

1943, Malmö, Suécia. Vive em Skanör, Suécia

Instruída em tecelagem, Charlotte Johannesson começou a fazer tapeçarias como arte nos anos 1970. Seus trabalhos satirizavam a política tradicional e muitas vezes consistiam em comentários feministas e engajados sobre acontecimentos globais. Como reação ao golpe militar do general Augusto Pinochet em 1973, por exemplo, ela produziu **Chile Echoes in My Skull** [O Chile ecoa no meu crânio] (1973/2016). Em 1978, Johannesson trocou seu tear por um Apple II Plus, a primeira geração de computadores pessoais. Aprendendo a programar sozinha, ela adotou as mesmas medidas que usava no tear para o computador (239 pixels na horizontal e 191 pixels na vertical). Financiada pelo Departamento Nacional Sueco de Tecnologia e Desenvolvimento, ela fundou o Digital Theatre [teatro digital] com seu parceiro Sture Johannesson, em Malmö, na Suécia. Enquanto existiu, entre 1981 e 1985, o Digital Theatre foi uma tecno-utopia em miniatura e o primeiro laboratório de arte digital da Escandinávia. Charlotte Johannesson se dispôs a criar “micro-performances”: gráficos digitais em tela e impressos, e experimentos com computadores em tempo real.



Chile Echoes in My Skull
[O Chile ecoa no meu crânio], 1973/2016

Na obra de Dalton Paula, objetos são destituídos de suas funções originais para se tornarem suporte da pintura. Primeiro as enciclopédias, antigas detentoras de um conhecimento universalista, tiveram suas capas sobrepostas por representações de sujeitos e saberes comumente omitidos em seu conteúdo, como negros e indígenas. Agora esse procedimento se repete sobre um conjunto de alguidares, pratos cerâmicos que recebem a comida e também as oferendas em rituais de religiões afro-brasileiras. Com a pintura em seu interior, esses objetos confrontam os discursos hegemônicos da arte e da política, buscam novos personagens e reencenam passagens de nossa história. Piracanjuba, em Goiás, Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e Havana, em Cuba, são cidades produtoras de tabaco. Essa atividade econômica remonta ao passado colonial e à migração de africanos escravizados nas Américas. Paula viajou aos três pontos dessa **Rota do tabaco** (2016) para pesquisar como essa herança se apresenta hoje. Encontrou desde a precariedade dos meios de trabalho nas fábricas de cigarrilhas até o uso dos charutos como ícone da revolução comunista. No vasto imaginário retratado, o fumo é um contexto omitido que revela o contraste entre corpos negros e roupas brancas, entre a invisibilidade da cultura afro-brasileira e os legados de cura – medicinal e espiritual – extraídos do tabaco.



Rota do tabaco, 2016

EBONY G. PATTERSON

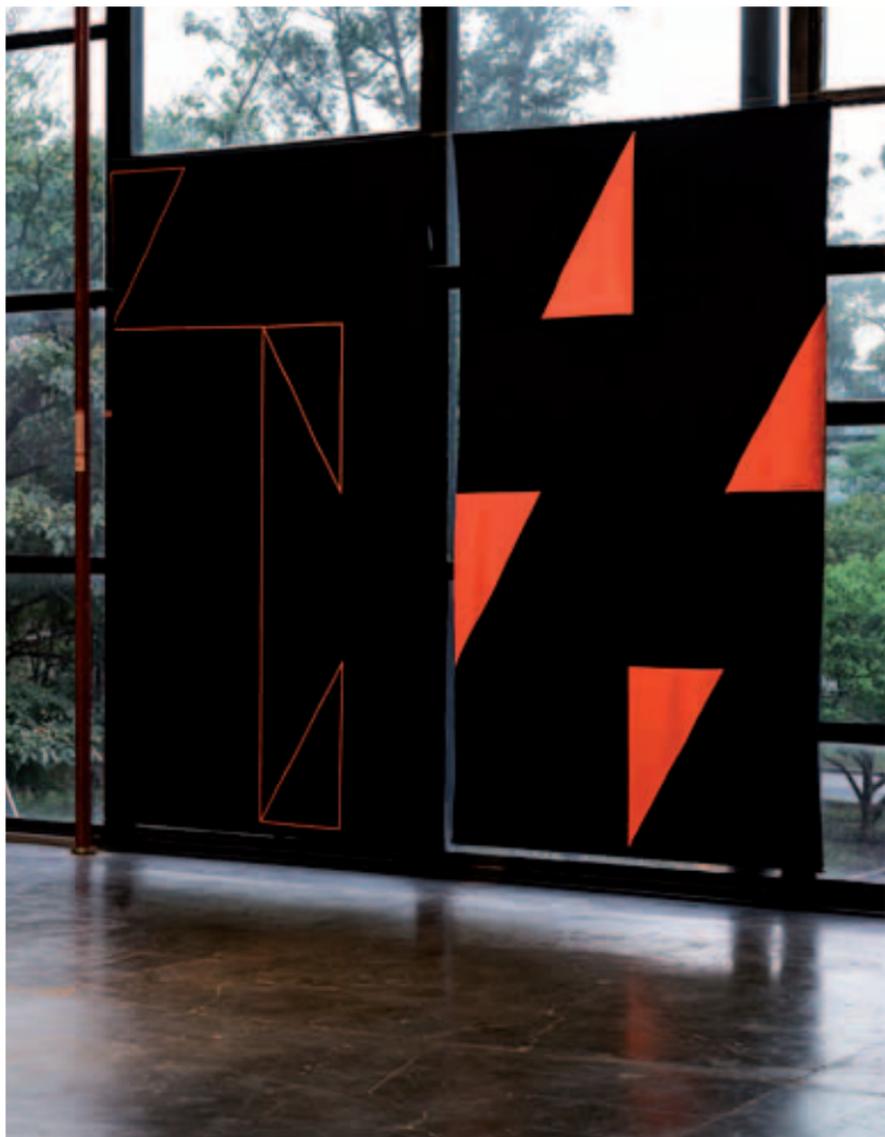
1981, Kingston, Jamaica. Vive em Kingston e Lexington, Kentucky, EUA

Ebony G. Patterson parte de referências da pintura para compor cenas e retratos que se relacionam com a cultura popular e o forte contexto de violência característico de diversas comunidades em Kingston, Jamaica. Transitando por técnicas variadas, a artista tem a fotografia como primeira etapa na elaboração de suas composições. Transforma as imagens em tapetes que, por meio de colagens, recebem camadas de tecidos e ornamentos. Os painéis de grande dimensão que daí derivam exploram o excesso de material, brilho e cor como forma de lançar luz sobre a necessidade de distinção por meio de bens de consumo e opulência, comportamento intimamente ligado a procedimentos de opressão social. A despeito da superfície colorida, as cenas retratam, de modo quase mimético, corpos estendidos no chão, assim como momentos casuais de convivência na rua. Os painéis apresentados na 32ª Bienal são uma tentativa de traçar paralelos entre os contextos socioculturais do Brasil e da Jamaica. Reagindo aos altos índices de assassinato de crianças e jovens negros nos dois países, Patterson retrata uma infância que é potência de criação e transformação, e que, ao mesmo tempo, padece diante de sistemas excludentes e violentos.



Detalhe de ...doing what they always do...
(...when they grow up...)
[...fazendo o que eles sempre fazem... (...
quando crescerem...)], 2016

Os projetos de Felipe Mujica se organizam a partir de duas formas principais de atuação: de um lado, sua pesquisa visual, que envolve a criação de instalações de painéis de tecido móveis e interativos; de outro, a organização colaborativa de exposições, publicações e gestão de espaços culturais. Permeia essa atuação a investigação sobre o passado recente da arte latino-americana, com interesse específico por experiências que aproximam educação e arte moderna. Aspecto fundamental de seu método de trabalho é a abertura da obra ao diálogo com outros artistas, com o público e com comunidades. No projeto **Las universidades desconocidas** [As universidades desconhecidas] (2016), Mujica trabalha em parceria tanto com os artistas brasileiros Alex Cassimiro e Valentina Soares, como com o grupo Bordadeiras do Jardim Conceição, formado por cerca de quarenta moradoras desse bairro na cidade de Osasco. A partir de desenhos realizados pelo artista, os grupos de colaboradores criaram e confeccionaram as cortinas que compõem a instalação. Produzidas com os mesmos materiais e técnicas distintas, as peças costuram saberes pessoais formados por diferentes repertórios e experiências, unidos agora como lados complementares de uma mesma realidade: o trabalho criativo coletivo.



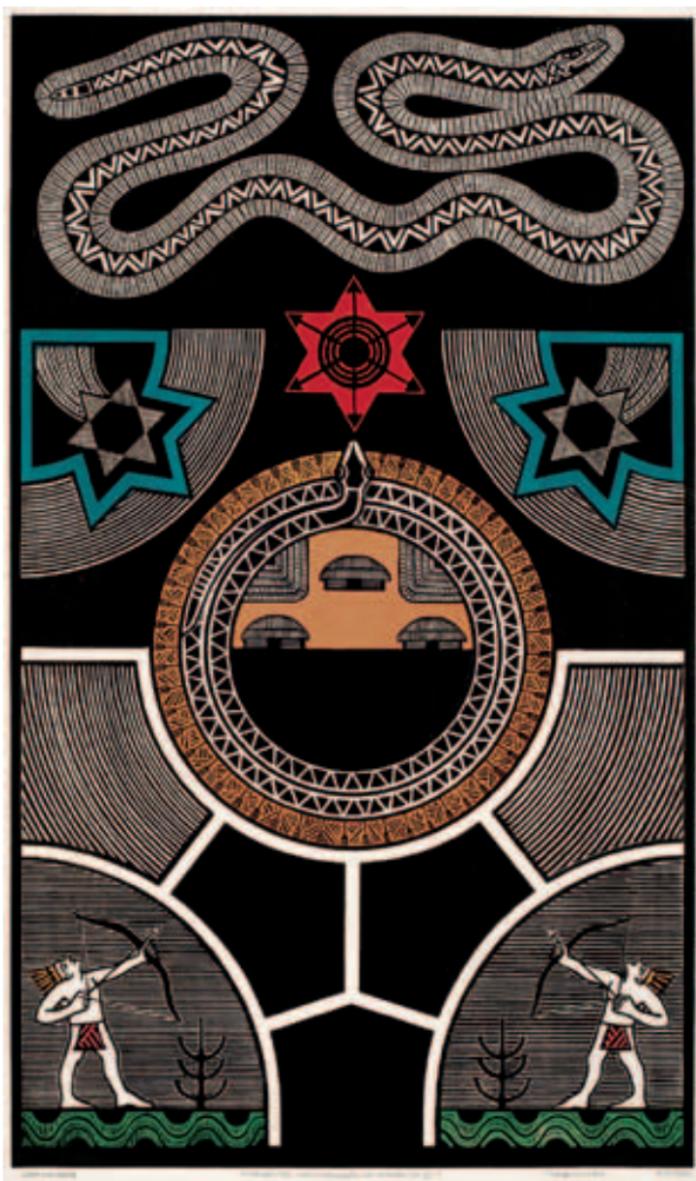
Vista da instalação *Las universidades desconocidas*
[As universidades desconhecidas], 2016

A obra de Francis Alÿs baseia-se em ações propostas ou praticadas pelo artista, que se desdobram em vídeos, fotografias, desenhos e pinturas. Frequentemente evocando uma sensação de absurdo ou insensatez, seus trabalhos pesquisam criticamente situações políticas, sociais e econômicas na vida contemporânea. A instalação concebida para a 32ª Bienal, parte do projeto **In a Given Situation** [Em uma dada situação] (2010-2016), está organizada em dois momentos e investiga a noção de catástrofe em uma série de pinturas de paisagem e um filme de desenhos animados, todos **Untitled** [Sem título] (2016). Esses elementos estão instalados em paredes de espelhos e as pinturas têm dois lados – fixadas com alguma inclinação, ambos os lados das pinturas são visíveis ao observador simultaneamente. As imagens refletidas do público e do espaço tornam-se também parte integrante do projeto, o que nos convida a questionar qual é a nossa relação — e do ambiente institucional e urbano em que estamos inseridos — com as diferentes situações e noções de catástrofe discutidas por Alÿs.



Untitled
[Sem título], 2016

Gilvan Samico apresenta em suas gravuras mitos e cosmologias repletos de simbologias. Suas composições têm a simetria e a verticalidade como valores que organizam narrativas sobre a natureza – sendo homens e mulheres parte desse ambiente – e instâncias sagradas que se relacionam com a vida terrena. Iniciou sua prática artística como autodidata no Recife, mas depois estudou sob a tutela de Lívio Abramo e Oswaldo Goeldi. A impressão de suas gravuras era feita de forma minuciosa e manual. A produção de cada peça presente na 32ª Bienal levou um ano de trabalho do artista, entre 1975 e 2013. Influenciado pela arte popular nordestina, Samico tem como referência a literatura de cordel e o Movimento Armorial, sendo o encontro com o escritor Ariano Suassuna um importante ponto de inflexão em sua trajetória. Partindo de narrativas locais, Samico traça uma história visual que engloba cosmologias sobre a formação do mundo e o estudo de livros como a trilogia **Memoria del Fuego**, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, publicada entre 1982 e 1986. Assim, os títulos das obras funcionam como chaves de leitura que, junto às imagens, revelam camadas que pertencem e povoam o imaginário de tantas culturas.



Via Láctea – Constelação da serpente II, 2008

Güneş Terkol desafia os imaginários relacionados ao feminino a partir de histórias pessoais ou coletivas compartilhadas por mulheres em oficinas que organiza para sua pesquisa e processo de trabalho. O bordado, prática culturalmente atribuída ao ambiente doméstico e ao labor da mulher, ganha camadas públicas e políticas em sua produção. Na 32ª Bienal, são apresentadas as séries **Couldn't Believe What She Heard** [Não posso acreditar no que ela ouviu] (2015) e **The Girl Was Not There** [A menina não estava lá] (2016), essa última comissionada para a exposição. Na primeira, em uma montagem aberta, Terkol cria imagens nas quais elementos relacionados ao estereótipo do “universo feminino” – unhas esmaltadas, cabelos, sapatos – são contrastados com fragmentos de corpos cujo gênero não é possível identificar. Na segunda série, a artista resgata o caráter místico e idílico da natureza. A coloração se origina de materiais orgânicos, como cebola, folhas de tabaco, abacate e beterraba, e compõe paisagens ou cenas que mesclam elementos ornamentais, molduras vazias e figuras inventadas. O tecido utilizado subverte a aparente fragilidade das obras e sua transparência possibilita entrever as composições, multiplicando e desconstruindo os imaginários do feminino e da natureza.



Da série *The Girl Was Not There*
[A menina não estava lá], 2016

JONATHAS DE ANDRADE

1982, Maceió, Alagoas, Brasil. Vive em Recife, Pernambuco, Brasil

Jonathas de Andrade trabalha com suportes variados, como instalação, fotografia e filme, em processos de pesquisa que têm profundo caráter colaborativo. Sua obra discute a falência de utopias, ideais e projetos de mundo, sobretudo no contexto latino-americano, especulando sobre sua modernidade tardia. Em seu trabalho, afetos que oscilam entre a nostalgia, o erotismo e a crítica histórica e política são agenciados para abordar temas como o universo do trabalho e do trabalhador, e a identidade do sujeito contemporâneo, quase sempre representado pelo corpo masculino. O filme **O peixe** (2016), apresentado pela primeira vez na 32ª Bienal, acompanha pescadores pelas marés e pelos manguezais de Alagoas, que utilizam técnicas tradicionais de pesca, como rede e arpão, na espera pelo tempo necessário para capturar a presa. Cada pescador encena uma espécie de ritual: eles retêm os peixes entre seus braços até o momento da morte, uma espécie de abraço entre predador e presa, entre vida e morte, entre o trabalhador e o fruto do trabalho, no qual o olhar – do pescador, do peixe, da câmera e do espectador – desempenha papel crucial. Situada num território híbrido entre documentário e ficção, a obra dialoga com a tradição etnográfica do audiovisual.



Fotogramas de O peixe, 2016

MMAKGABO HELEN SEBIDI

1943, Marapyane, África do Sul. Vive em Joanesburgo, África do Sul

Nascida na vila de Marapyane, Mmakgabo Helen Sebidi aprendeu com a avó técnicas tradicionais de pintura em parede e cerâmica. Mudou-se para Joanesburgo adolescente e, entre as décadas de 1970 e 80, participou de cursos e ateliês em espaços que proporcionaram o contato com outros artistas e um ambiente politizado, o que impactaria a temática de seus trabalhos. Sebidi retrata experiências cotidianas e sabedorias ancestrais, assim como mostra o sofrimento infringido pelo contexto do apartheid, especialmente para mulheres negras. De seus professores e colegas artistas ela absorveu técnicas de colagem e elementos abstratos, gerando o emblemático díptico **Tears of Africa** [Lágrimas da África] (1987-1988), presente na 32ª Bienal. A obra, produzida em carvão, tinta e colagem, trata de conflitos continentais assim como da aspereza das relações humanas no cotidiano da cidade grande e suas decepções, agravadas pela degradação das estruturas familiares e pelo regime de segregação que vigorou oficialmente na África do Sul de 1948 a 1994. A nova obra, criada durante sua residência artística em Salvador, na Bahia, e presente na exposição, gera uma conversa entre o Brasil e o continente em que Sebidi nasceu e ativa um diálogo entre os dois trabalhos.



Detalhe de Untitled
[Sem título], 2016

PIERRE HUYGHE

1962, Antony, França. Vive em Santiago, Chile e Nova York, EUA

Os trabalhos de Pierre Huyghe desafiam as fronteiras entre ficção e realidade. Sua obra se materializa em meios como filme, situações ou exposições, operando, por vezes, como ecossistemas. Huyghe inclui em sua prática elementos que expandem a noção de objeto de arte. Em **Cerro Indio Muerto** [Colina Índio Morto] (2016), vê-se em primeiro plano um esqueleto humano caído próximo ao sulco deixado no solo por um riacho seco, tendo ao fundo uma colina. Seu título faz referência ao local onde a fotografia foi feita pelo artista, na região do deserto do Atacama, no Chile. Os restos mortais, ali encontrados por Huyghe, fundem-se à paisagem árida do deserto, em um cruzamento entre tempo humano e tempo natural. Assim como o nome da colina remete ao extermínio, histórico e atual, dos povos indígenas nas Américas.

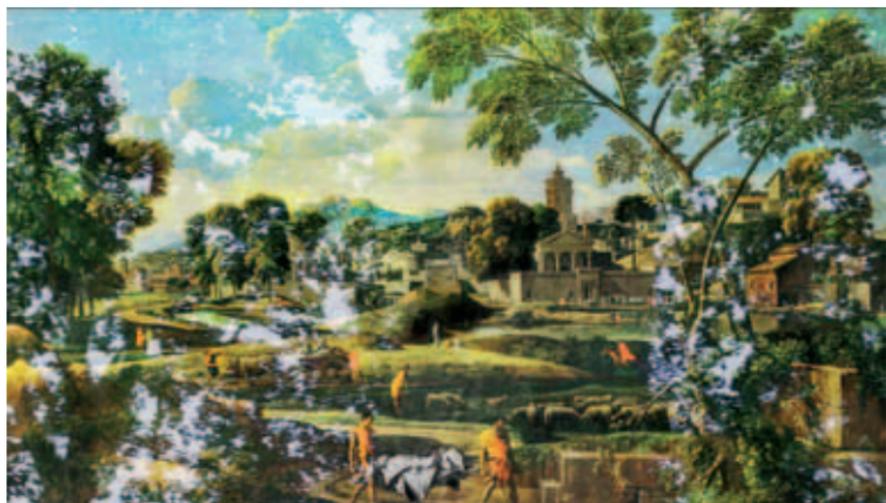


Cerro Indio Muerto
[Colina Índio Morto], 2016

RACHEL ROSE

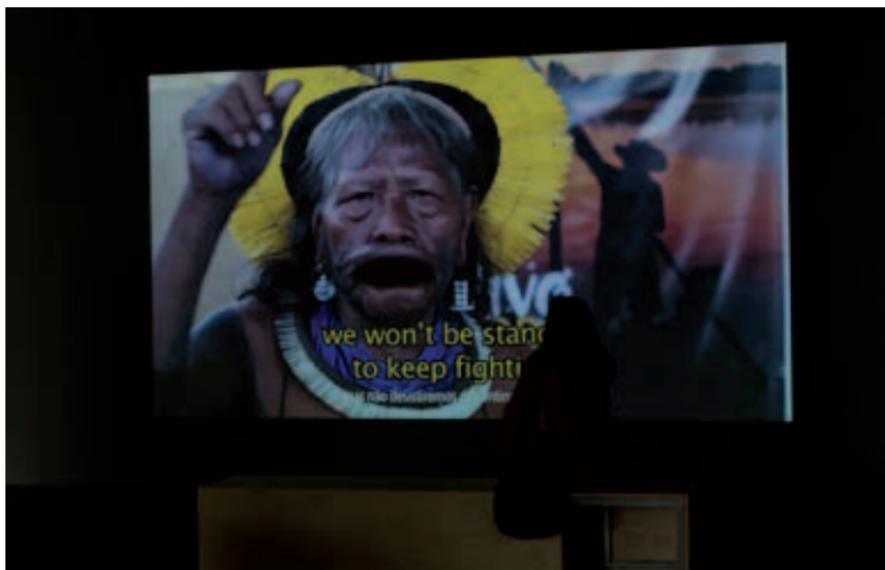
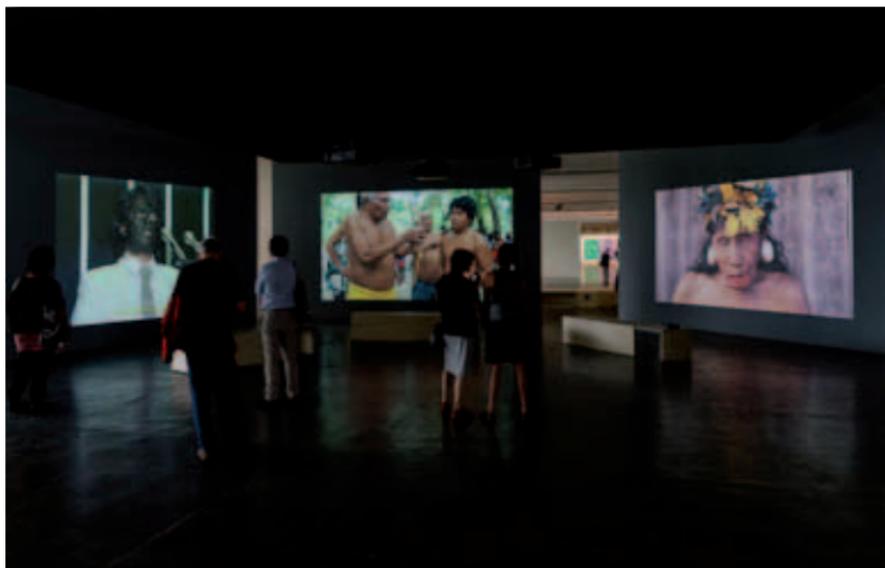
1986, Nova York, EUA. Vive em Nova York

Em seus vídeos e instalações, Rachel Rose constrói narrativas por meio de processos de edição, utilizando a livre e abundante circulação e associação de vídeos e imagens. A sobreposição de camadas, procedimento comum à pintura, é aplicada aqui a arquivos digitais, criando uma imagem híbrida com forte potencial sinestésico. **A Minute Ago** [Um minuto atrás] (2014) é uma reflexão sobre a experiência da catástrofe, que mescla um vídeo encontrado no YouTube, de uma súbita tempestade de granizo em uma praia, com relatos do arquiteto americano Philip Johnson em sua Casa de Vidro, que, por sua vez, são confrontados com a reprodução da pintura **O funeral de Phocion** (1648), do francês Nicolas Poussin, entre outros elementos.



Fotogramas de A Minute Ago
[Um minuto atrás], 2014

Há três décadas o Vídeo nas Aldeias tem mobilizado debates centrais aos povos indígenas e à produção e difusão audiovisual. O projeto tem como um de seus objetivos a formação de realizadores indígenas, desestabilizando narrativas forjadas com base no olhar externo. Questões éticas e escolhas estéticas são entrelaçadas em seus projetos, que tratam de assuntos como rituais, mitos, manifestações culturais e políticas, e experiências de contato e conflito com os brancos. Fundado pelo indigenista Vincent Carelli, Vídeo nas Aldeias capta recursos e circula seus trabalhos, realiza exposições em comunidades indígenas, festivais de cinema, televisão, internet e elabora materiais didáticos. Para a 32ª Bienal, Ana Carvalho, Tita e Vincent Carelli criaram a instalação inédita **O Brasil dos índios: um arquivo aberto** (2016), que configura um espaço de imersão em imagens, gestos, cantos e línguas de vinte povos distintos, entre eles os Xavante, Guarani Kaiowá, Fulni-ô, Gavião, Krahô, Maxakali, Yanomami e Kayapó. Reunidos por sua força discursiva e imagética, os trechos constituem mais um ponto de resistência coletiva às tentativas de invisibilidade e apagamento de grupos indígenas e provocam uma ampla reflexão sobre alteridade e convenções de perspectivas culturais.

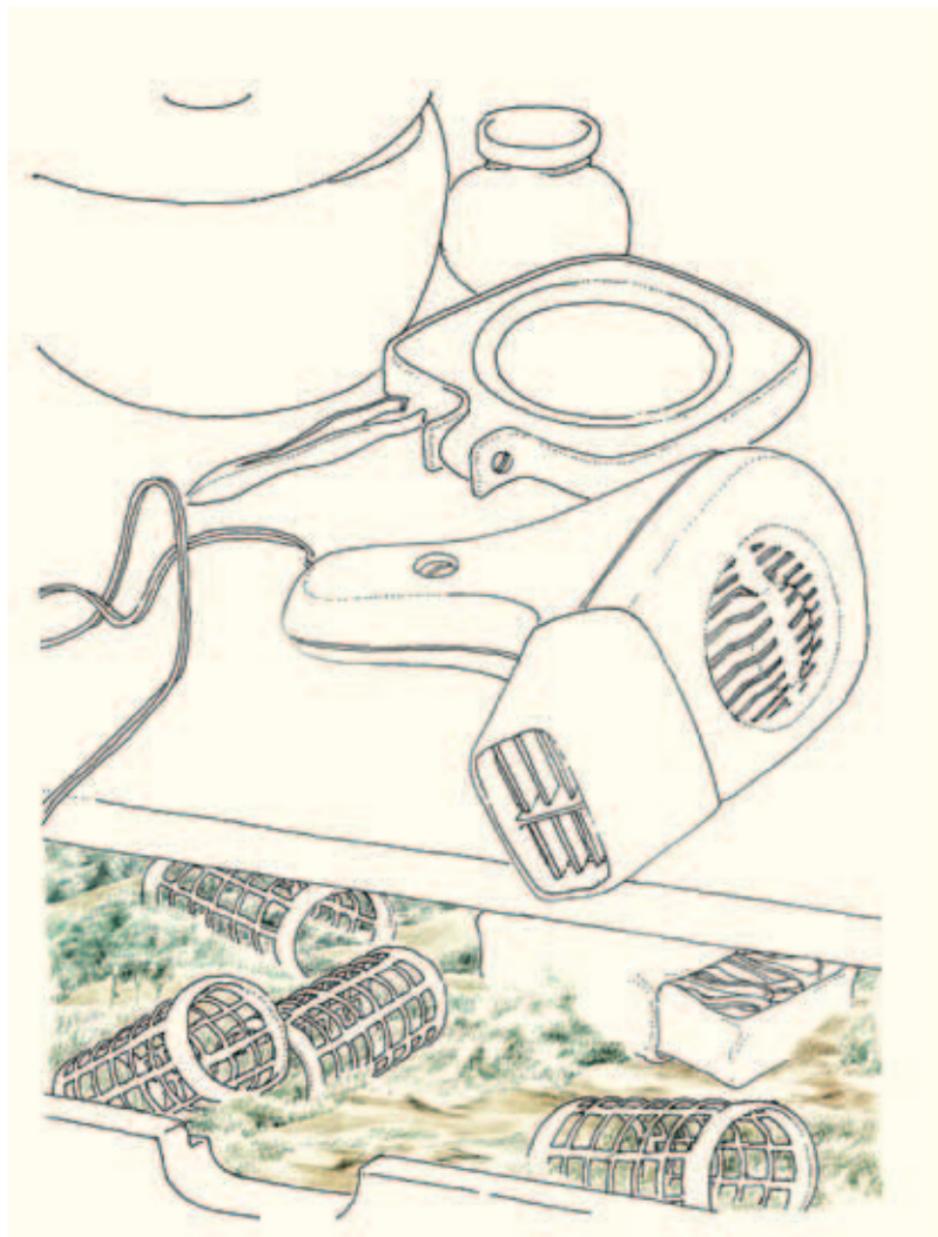


Vistas da instalação O Brasil dos índios: um arquivo aberto, 2016

WILMA MARTINS

1934, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Vive no Rio de Janeiro, Brasil.

Wilma Martins relaciona-se com seu entorno por meio de desenhos, gravuras e pinturas. Na série **Cotidiano** (1975-1984), seu processo de trabalho consiste em vários estágios, nos quais desenhos e pinturas vêm de e voltam para seus cadernos, como revisitações – ora os desenhos são esboços de pinturas posteriores, ora são registros de uma composição que já nasceu na tela. Os espaços domésticos, aparentemente ordinários, são habitados por animais silvestres e cobertos por matas e rios que “esparram-se” ou surgem por frestas do dia a dia, como uma pia repleta de louça e as dobras de um cobertor. Jogando com escalas e cores, a artista torna visível a coexistência de universos supostamente incompatíveis. Em sua obra, o que poderia estar à espreita no inconsciente emerge para atravessar inesperadamente a rotina e ocupá-la com uma atmosfera insólita.



Da série Cotidiano, 1982

WLADEMIR DIAS-PINO

1927, Rio de Janeiro, Brasil. Vive no Rio de Janeiro

Wlademir Dias-Pino é artista, poeta, desenhador gráfico, vitrinista. Na década de 1940, fez suas primeiras incursões na poesia, e ao longo das décadas de 1950 e 60 participou da fundação dos movimentos Poema/Processo e Intensivismo. Ao propor uma leitura do mundo a partir das imagens, sua prática desafia a relação entre imagem e linguagem. Na itinerância da 32ª Bienal em Cuiabá, o artista apresenta novas obras da série **Placas** (2017), constituída por placas com abstrações geométricas. Algumas delas foram criadas a partir de estilos gráficos dos povos indígenas do Xingu, outras são baseadas na bandeira do Estado do Mato Grosso, com sua estrela amarela como símbolo do poder local. As placas estão dispostas em diversos pontos do exterior do espaço expositivo.



Da série Placas, 2017

CRÉDITOS DE IMAGEM

- ANA MAZZEI**
19 Espetáculo
Imagem: Leo Eloy / Estúdio Garagem /
Fundação Bienal de São Paulo
- BÁRBARA WAGNER**
21 Estás vendo coisas
Cortesia: Solo Shows, São Paulo
Imagem: Bárbara Wagner e Benjamin
de Burca
- CAROLINA CAYCEDO**
23 Watu, Iguçu
Cortesia: Instituto de Visión, Bogotá
Imagem: Carolina Caycedo
- CHARLOTTE JOHANNESSON**
25 Chile Echoes in My Skull
Cortesia: da artista
Imagem: Charlotte Johannesson
- DALTON PAULA**
27 Rota do tabaco
Cortesia: Sé Galeria, São Paulo
Imagem: Paulo Rezende
- EBONY G. PATTERSON**
29 ...doing what they always do... (...when they
grow up...)
Cortesia: da artista e Monique
Meloche Gallery, Chicago
Imagem: Ebony G. Patterson
- FELIPE MUJICA**
31 Las universidades desconocidas
Cortesia: do artista
Imagem: Felipe Mujica
- FRANCIS ALÿS**
33 Untitled
Cortesia: do artista
Imagem: Francis Alÿs
- GILVAN SAMICO**
35 Via Láctea – Constelação da serpente II
Coleção da Família Samico
Imagem: Gilvan Samico
- GÜNEŞ TERKOL**
37 The Girl Was Not There
Cortesia: da artista
Imagem: Ozan Eras
- JONATHAS DE ANDRADE**
39 O peixe
Imagem: Jonathas Andrade
- MMAKGABO HELEN SEBIDI**
41 Untitled
Coleção da artista
Cortesia: da artista
Imagem: Mmakgabo Helen Sebidi
- PIERRE HUYGHE**
43 Cerro Indio Muerto
Cortesia: do artista e Hauser & Wirth,
Londres
Imagem: Pierre Huyghe
- RACHEL ROSE**
45 A Minute Ago
Cortesia: Gavin Brown's Enterprise,
Nova York; Pilar Corrias Gallery,
Londres
Imagem: Rachel Rose

- VÍDEO NAS ALDEIAS**
- 47 **O Brasil dos índios: um arquivo aberto**
Coleção: Acervo Vídeo nas Aldeias,
Olinda
Cortesia: Vídeo nas Aldeias, Olinda
Imagem: Tiago Baccarin/Estúdio
Garagem/Fundação Bienal de São
Paulo; Ilana Bar/ Estúdio Garagem/
Fundação Bienal de São Paulo

- WILMA MARTINS**
- 49 **Série Cotidiano**
Coleção: Frederico Moraes
Cortesia: da artista
Imagem: Wilma Martins

- WLADEMIR DIAS-PINO**
- 51 **Placas**
Cortesia: do artista
Imagem: Wladimir Dias-Pino

Governador do Estado de Mato Grosso

Pedro Taques

Vice Governador do Estado de Mato Grosso

Carlos Fávoro

Secretário de Estado de Cultura

Leandro Falleiros Rodrigues Carvalho

Secretária Adjunta de Cultura

Regiane Berchieli

Secretária Adjunta de Administração Sistêmica

Danielle Almeida dos Santos

Superintendente de Políticas Culturais

Tatiana Laura Guedes Libardi

Superintendente de Infraestrutura e Articulação Institucional

Ivan Moreira de Almeida

Superintendente Administrativa

Marelise Spiess

Superintendente de Orçamento, Finanças e Contabilidade

Ivanir Alves Migueis

Assessoria Jurídica

Antônio Figueiredo Neto

**SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA –
GOVERNO DE MATO GROSSO****EQUIPE TÉCNICA****Coordenação de Projeto e Produção**

Mazé Oliveira

Fernando José Ribeiro dos Santos

Arquiteto

Ivan Moreira de Almeida

Engenheiro Civil

Marcos Antonio Ferreira Sampaio

Conservação dos Acervos

Fernando José Ribeiro dos Santos

Ações Educativas

Carlos Alberto de Assunção Santos

Gislene da Silva Ribeiro Dias

Parcerias e Relações Institucionais

Francisca de Figueiredo de Arruda

Martins Neta

Patrícia Ribeiro Borges dos Santos

Assessoria de Comunicação

Maria Angélica de Moraes

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

Diretoria

João Carlos de Figueiredo Ferraz · *presidente*
Eduardo Saron
Flavia Buarque de Almeida
João Livi
Justo Werlang
Lídia Goldenstein
Renata Mei Hsu Guimarães
Ricardo Brito Santos Pereira
Rodrigo Bresser Pereira

Superintendência

Luciana Guimarães

Equipes internas

Administrativo-Financeiro
Comunicação
Projetos
Relações Institucionais e Captação

32ª BIENAL DE SÃO PAULO – ITINERÂNCIA

Curadoria

Jochen Volz

Cocuradores

Gabi Ngcobo
Júlia Rebouças
Lars Bang Larsen
Sofia Olascoaga

Arquitetura

Alvaro Razuk

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização, edição e projeto gráfico

Equipe Bienal

Autores

Ana Maria Maia
Catarina Duncan
Diana Dobranszky
Diego Matos
Gabriela Longman
Hortência Nunes Abreu
Isabella Rjeille
Júlia Rebouças
Lars Bang Larsen
Regiane Ishii
Thiago Gil

Tradução

Alexandre Barbosa de Souza

Preparação e revisão

Lívia Azevedo Lima
Sandra Brazil

PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA

Formação de mediadores

4 e 5 de maio

8h às 12h e das 14h às 18h (turma única)

IFMT – Campus Cuiabá

Rua Professora Zulmira Canavarros, 93

Centro, Cuiabá-MT

Formação de educadores

6 e 7 de maio

8h às 12h – Turma 1

14h às 18h – Turma 2

IFMT – Campus Cuiabá

Rua Professora Zulmira Canavarros, 93

Centro, Cuiabá-MT

Capacidade: até 100 educadores

Avaliação – Educativo

10 e 11 de julho

9h às 12h

Palácio da Instrução – Auditório

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

PROGRAMA 1

16 de maio – Terça-feira

INCERTEZA VIVA

Com Júlia Rebouças, Naine Terena e Ludmila Brandão

A partir da experiência nos Dias de Estudo, sobretudo aquele realizado em Cuiabá, se discutirá os percursos curatoriais e artísticos que levaram as participantes à 32ª Bienal.

Biografias das participantes:

Júlia Rebouças é cocuradora da 32ª Bienal de São Paulo.

Naine Terena é militante indígena e

pesquisadora bolsista no Laboratório de Imagem e Educação da Unemat.

Ludmila Brandão é professora do programa de pós-graduação Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT.

Horário: 19h às 21h

UFMT – Centro Cultural · 200 vagas

PROGRAMA 2

17 de maio – Quarta-feira

Pesquisa e processo criativo

Com a artista Ana Mazzei

Ana Mazzei vai apresentar sua produção, pesquisa e modos de atuação, criando um contexto para discutir a obra *Espetáculo* (2016), que integra a 32ª Bienal.

Horário: 19h às 21h

Palácio da Instrução – Auditório · 40 vagas

PROGRAMA 3

30 de maio – 2 de junho

Terça a sexta-feira

Conversas para adiar o fim do mundo

Com o artista Bené Fonteles

30 de maio – Terça-feira

OcaTapaperaTerreiro

Com o artista Bené Fonteles

Projeção do catálogo virtual da obra do artista.

Horário: 19h às 21h

UFMT – Centro Cultural · 200 vagas

31 de maio – Quarta-feira

Arte aqui eu mato: poéticas e querelas da arte em Mato Grosso

Com o artista Gervane de Paula e a crítica de arte Aline Figueiredo, mediação do artista Bené Fonteles.

Horário: 19h às 21h

UFMT – Centro Cultural · 200 vagas

1 de junho – Quinta-feira

Narrativas pela fluência das águas:

artistas e viajantes em Mato Grosso

Com a historiadora Maria de Fátima Gomes Costa e o historiador Serafim Bertoloto, mediação do artista Bené Fonteles.

Horário: 19h às 21h

UFMT – Centro Cultural · 200 vagas

2 de junho – Sexta-feira

Ser e não ter – a terra devastadas:

questões indígenas e ambientais em Mato Grosso

Com a indígena e comunicóloga Naine Terena e outras lideranças indígenas do Estado, o historiador e indigenista Elias Bigio, e o ambientalista Sérgio Guimarães, mediação do artista Bené Fonteles.

Horário: 19h às 21h

UFMT – Auditório Museu Rondon · 100 vagas.

PROGRAMA 4

30 de junho – Sexta-feira

Pesquisa e processo criativo

Com o artista Dalton Paula

Dalton Paula apresenta sua produção, pesquisa e modos de atuação, criando um contexto para discutir a série Rota do Tabaco (2016), que integra a 32ª Bienal.

Horário: 19h às 21h

Palácio da Instrução – Auditório · 40 vagas

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



CORREALIZAÇÃO

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO

Bloomberg
Philanthropies



PARCERIA CULTURAL



APOIO

APOIO MÍDIA

Itaú
cultural



ARTE!Brasileiros

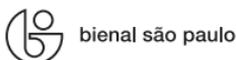
APOIO EDUCATIVO



APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO



**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



© Copyright da publicação: Fundação Bienal de São Paulo.
Todos os direitos reservados.

As imagens e os textos reproduzidos nesta publicação foram cedidos por artistas, fotógrafos, escritores ou representantes legais e são protegidos por leis e contratos de direitos autorais. Todo e qualquer uso é proibido e condicionado à expressa autorização da Bienal de São Paulo, dos artistas e dos fotógrafos.

Todos os esforços foram feitos para localizar os detentores de direitos das obras reproduzidas, mas nem sempre isso foi possível. Corrigiremos prontamente quaisquer omissões, caso nos sejam comunicadas.

Essa publicação apresenta versões adaptadas dos textos originais para a itinerância da 32ª Bienal de São Paulo – INCERTEZA VIVA em Cuiabá.

www.bienal.org.br

Fontes: Sabon (Linotype), e Knockout (Hoefler & Co.)
Papéis: Cartão Super 6 Plus 240g/m² e Off Set 75g/m²

32ª Bienal de São Paulo – Itinerância

INCERTEZA VIVA

15 maio – 9 julho 2017

Palácio da Instrução

Rua Antônio Maria, 251

Praça da República, Centro Norte

Cuiabá – Mato Grosso – Brasil